

THOMAS CHATTERTON

Marquessuel Dantas de Souza

Em teu semblante, vi a chama do amor em vida,
Aventuras primorosas da mais suprema flor
Do jardim secreto do paraíso desconhecido.

Aos dezessete anos toma uma decisão inestimável:
Comete suicídio e marca uma vida de imagens outras.
Morre num ato condenável para muitos, admirado
Por poucos. Morte prematura para um poeta brilhante.

Sua poesia ressucita a linguagem do inaudito.

Elegias elegantes e sutis de recordações metafísicas,
Chatterton transcendendo o intocável de um mundo
Inconteste de amor infindo.

Sois vós o perdão da paixão nascente por uma vertente
Nas veredas salientes de um beijo virginal. Aflição!
Sem temor da morte, vai ao encontro da mesma
Assim como vem encontrá-la ao iniciar a germinação
Ulterina no interior obscuro de uma luminosidade
Reluzente. Oh, dor contorcida de algo inexplicável,
Alivia meu sofrimento e me leva para o mistério
Da existência que nos escapa. Angústia!

Sensação prazerosa de uma necessidade saciada.

O oculto me pertence, me abraça e me beija
Seduzindo-me com carinhos estranhos de alguém
Que se entrega à morte, essa virgem escandalosa.

Exploremos a profundidade das sensações,
Sintamos a vida como a morte.

Ela, a mulher por quem eu vivo e fui vivido.

Antes mesmo do meu nascimento,
Ela em contemplação me amava ardentemente.
Eu, seguindo os teus singelos exemplos,
Fiz o mesmo por ela e a literatura minha
Eu a ofereço poeticamente.

Entre o místico e o mítico: Eu.

Farsa ou mentira no ser poeta!
Da estética literária
Ao gênio poética selvagem
Em delírio de aflição.

Romantismo suicida...

A poesia é estar em contato profundo
Com a vida e a morte.

A poesia é mistério,
É contato entre o material e o imaterial.

Por magia, Sou.